

Mística e poesia: do dito ao inaudito

Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra*

Falar sobre mística não é tarefa fácil. Sobre poesia, menos ainda. Não porque não se possa falar sobre mística, ou poesia, mas exatamente porque se fala muito sobre ambas. De modo que esta minha intervenção já começa marcada por um desconforto, a saber, evitar cair no falatório vazio onde tudo cabe, assim como, no radicalismo filológico que inviabiliza determinadas formas comuns de “experiências” mediante a distinção terminológica ou conceitual empregada por aqueles que as descrevem. Um caminho que me parece viável diante destes dois riscos consiste em demarcar nosso objeto de análise o que, para mim, significa manter-se em uma “tradição”, isto é, restringir-se a um modo específico de pensar, tanto na forma quanto no conteúdo, em uma vivência classificada como “experencial”, em que a filosofia e a literatura, compartilham de uma mesma tarefa, a saber: revelar, mediante metáforas e alegorias, a existência de uma ordem do mundo que não se deixa abarcar, precisamente, por nenhuma inteligibilidade. Neste sentido, teríamos que repensar inclusive a idéia mesma de “ordem”. Tarefa que, ao contrário de conduzir a uma distinção dicotômica entre os âmbitos da natureza (imanência) e da sua totalidade (transcendência), permite uma compreensão em que o místico, mais que mistério, é a constatação de que os *fatos do mundo não são tudo*.

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Na verdade, isto é uma característica marcante na tradição neoplatônica: a poesia ganhar estatuto de representação daquilo que supera toda representação. Contra a crítica platônica à *mimesis* e ao poeta, como imitador de “sombras”, Plotino, e depois Proclo, reabilitaram a literatura e o papel do poeta. Para ambos o poeta deveria ser compreendido como *entheatikós* (inspirado). O poeta, não só ganha um novo valor, mas, para Proclo, o próprio Platão depende dele. Na ótica neoplatônica o texto literário, em sua forma e conteúdo, expõe a tarefa tanto do poeta, quanto do filósofo, qual seja: expressar a unidade que se faz diversa em suas múltiplas manifestações.

As imagens, as cenas, as falas, os personagens, tudo faz parte de um só propósito: conduzir o homem a uma experiência transcendente-imanente “da” e “na” própria linguagem. O que isto quer dizer? Quando digo que mística implica em uma transcendência-imanente “da” linguagem, quero apontar para o fato de que, para a tradição neoplatônica, no seio do dizer reside uma negação que é constitutiva do ato de nomeação das coisas, no entanto, é precisamente na negação que a linguagem ganha sentido.

Dito de outro modo, a linguagem, para os místicos, é uma ferramenta, um exercício em que o *limite* do dizer implica, necessariamente, na sua transgressão. Nesta perspectiva, a poesia, mais que expressão de certo sentimentalismo, é revelação da ordem constitutiva das coisas. Uma revelação que embora comprometida com a verdade, não se reduz ao objetivismo próprio da ciência ou da filosofia que buscam dizer a realidade em sua essência. O poeta, enquanto mistagógico é responsável pelo dizer, mas também, pela criação ou recriação de sentidos.

Longe de uma tradição reducionista do papel do poeta ou do filósofo, o neoplatonismo assume o pensamento como uma experiência viva em que a tradição, mais que autoridade, é o solo propício para a manifestação do ser em seu constante devir. Sendo assim, dialogar com Platão ou Aristóteles é buscar encontrar aquilo que os fazem interpretes comuns do real. Na longa história que demarca o Neoplatonismo (pagão e cristão), muitas são as vertentes e

variedades interpretativas sobre os critérios ou os meios próprios para pensar o real, mas o que está aqui em jogo é a possibilidade de, pese as distinções conceituais empregadas ao longo da história, expor uma concepção comum que tem sua origem na análise interpretativa que Plotino realiza dos diálogos de Platão e que se radicalizou com a estrutura hierárquica do universo inteligível e sensível realizada por Proclo culminando na tradição cristã medieval sob o signo da teologia negativa.

Dionísio o Pseudo Areopagita foi, inegavelmente, o arauto cristão mais neoplatônico que o Ocidente tomou contato. Através da sua *Teologia mística* e o caráter negativo da linguagem, o Medievo e o Renascimento mantiveram sob novas perspectivas, a filosofia e a poesia como “guardiãs” do Ser. O objetivo, portanto, deste trabalho é estabelecer um espaço comum entre a filosofia e a poesia dentro da tradição neoplatônica discutindo, à luz do pensamento procleano, a separação entre sensível e inteligível e buscando fundamentar, na e pela poesia, uma nova forma de pensar o conhecimento e vida sob a ótica da criação filosófico-poética.